

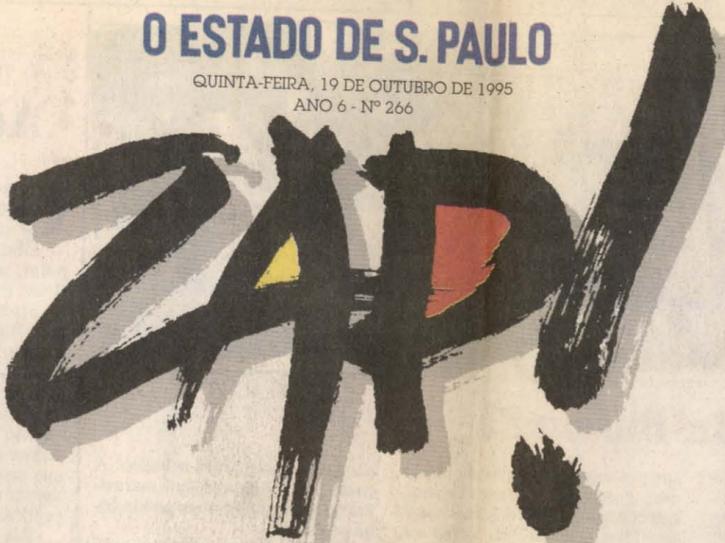


Renata Jubran/AE

Roqueiros, como os do grupo Angra, que tocam rock e estudam música erudita. **Página 8**

## O ESTADO DE S. PAULO

QUINTA-FEIRA, 19 DE OUTUBRO DE 1995  
 ANO 6 - Nº 266



Divulgação

"Kids", o filme sobre adolescentes mais polêmico dos últimos tempos, estreia amanhã. **Página 4**

# Índios do asfalto



Marta: ex-doméstica



Aldeia: mania por novela

**Eles vivem numa aldeia fincada na Zona Sul de São Paulo e já esqueceram algumas tradições**

MARCELO DELDUQUE  
 Especial para o "ZAP!"

Vida de índio na cidade grande é cheia de contradições. Janinha, ou Yry Jú Mirin em guarani, de 17 anos e uma filha de seis meses a tiracolo, é a prova disso. Elas vivem em Morro da Saudade, uma aldeia cravada na Zona Sul. Há dois anos, Yry veio com a família do Paraná. Acabou casando por aqui. Lá, viviam da caça e da agricultura. Aqui, para comer o arroz e o feijão de todo dia - hábito importado dos brancos -, Yry vende os parcos pés de palmito que se espalham pela Serra do Mar e seu marido se encarrega de caçar. "Quase não tem trabalho", reclama.

Quando não tem nada para vender, Yry fica em casa, com a filha no colo, esperando o tempo passar. Nesses momentos, ouve rádio. O pai de Janinha, Pedro Gabriel ou Verá Tupá, vende artesanato nas praças de São Paulo. Por ironia do destino, o arco-e-flecha usado no passado para caçar a comida na floresta virou souvenir na cidade. "Nessa mata não tem nem rato", brinca.

Dentro da aldeia são 11 alqueires de terra comunitária e algumas culturas de milho, banana e mandioca. Nada que sustente inteiramente os quase 400 estômagos guaranis. O índio teve de ir à luta. Marta da Silva, de 18 anos, por exemplo, já foi empregada doméstica durante alguns anos - até ganhar um filho, aos 15. Voltou à tribo e casou com o pai da criança, um índio mestiço. Mas o rapaz deu no pé, como qualquer típico malandrão. Não quis assumir o filho e fugiu para uma aldeia vizinha, junto com outra índia.

Histórias assim não são incomuns para quem vive na cidade grande. Nunca foi comum entre os índios. "Antigamente, segundo as tradições, um pai tinha obrigação de sustentar a família", conta Karai Jekupé, outro índio mestiço, de 24 anos, vindo de uma tribo invadida por posseiros em Pernambuco. "Caso contrário, seria castigado, não poderia mais casar com ninguém."



Morro da Saudade: 400 índios



Tukubó: o mais paquerado



Jekupé (acima): índio mestiço; Janinha (à esq.): ouve rádio quando não tem palmito

bia no galho mais alto de uma árvore", diz. "Voltava de lá com uma fruta bem madura e dava para a moça, era a maneira de demonstrar que estava apaixonado." Naquela época, beijo na boca não era nada comum. Hoje em dia é tão normal quanto o feijão com arroz. Antes da aproximação com os brancos, os índios também seguiam um ritual de casamento. "O pretendente dava uma cesta de frutas para o pai da moça", lembra Jekupé. "Ele conversava com a moça e se houvesse a aprovação ficavam três meses sem se ver, tempo para o homem construir a casa em que eles iriam viver." Hoje, o casamento é um "juntamento", só com

uma reza feita pelo pajé. Os índios que moram perto de São Paulo seguem uma cartilha mais moderninha. O índio Karai Tukubó, de 26 anos, já está no sexto casamento. Os cinco primeiros não duraram mais que três meses. "Não deram certo", se esquivava. Dentro e fora da aldeia, Tukubó é conhecido como "o gostoso". Não há índia que não suspire por ele. Hábitos bons ou ruins, o fato é que a liderança da aldeia anda preocupada com a preservação dos aspectos básicos



Karai Mirin: estilo

da cultura guarani. Se a destruição da natureza fez o índio ir para a cidade e se inspirar no estilo de vida dos urbanos, a idéia é fazer com que ele não perca a consciência de que ainda é um índio e pertence à Nação Guarani. "Se dermos fogo a gás para todas as famílias e paramos de fazer fogueiras, na hora que tirarmos esses fogões os índios não saberão mais se virar sozinho", imagina Jekupé. Mas é impossível os valores dos homens brancos não invadirem Morro da Saudade. Alguns anos atrás chegou a luz

e com ela a TV. Adivinhem a diversão que dá mais ibope entre os indígenas atualmente? Novelas! Eles passam boa parte do tempo enfiados dentro das casas com as televisões ligadas. O futebol também anda fazendo a cabeça dos jovens. Enquanto os mais velhos ficam pitando seus cachimbos, a moçada vai para o campo - uniformizada e de chuteiras. As crianças brincam de lutar. Aprenderam nos filmes da TV. Esses não são hábitos, entretanto, que desagradam aos índios mais experientes. "Não tem nada a ver esse negócio de índio ter de andar pelado", dispara Karai Mirin, assessor direto do cacique, que usa jeans, camisa e bo-

tas. "Não vamos viver isolados do mundo, só não podemos esquecer nossas tradições, que são a nossa força." Para atacar o problema, o 2º líder descolou uma verba alemã e construiu, há dois anos, uma escola bilíngüe que ensina o português e o guarani. "Em um futuro próximo, por necessidade de sobrevivência, os índios vão ter de trabalhar fora", prevê Karai. "Pelo menos vão ter formação para isso." Atualmente, estão encenando uma peça de teatro, *O Poder do Amor*, que mostra em dois atos a saga dos guaranis, antes e depois do conquistador. É uma forma dos índios viverem no palco o que perderam na vida real.

TRIBO URBANA

# Trabalho na cidade substitui velhos rituais

*Guaranis do Pico do Jaraguá não têm terra para plantar e esquecem antigas tradições*

Depois de uma conversa um pouco áspera, os guaranis que habitam o Pico do Jaraguá se desarmam. Vão buscar cadeiras e as colocam em roda no meio do terreiro. Isaque, filho do cacique, é o porta-voz. Aos 32 anos de idade, ele convive com a cultura branca e guarda algumas marcas de seus ancestrais. Usa a camiseta da banda thrash metal Slayer e escuta Black Sabbath em altíssimo volume enquanto faz lanças e colares para vender como artesanato.

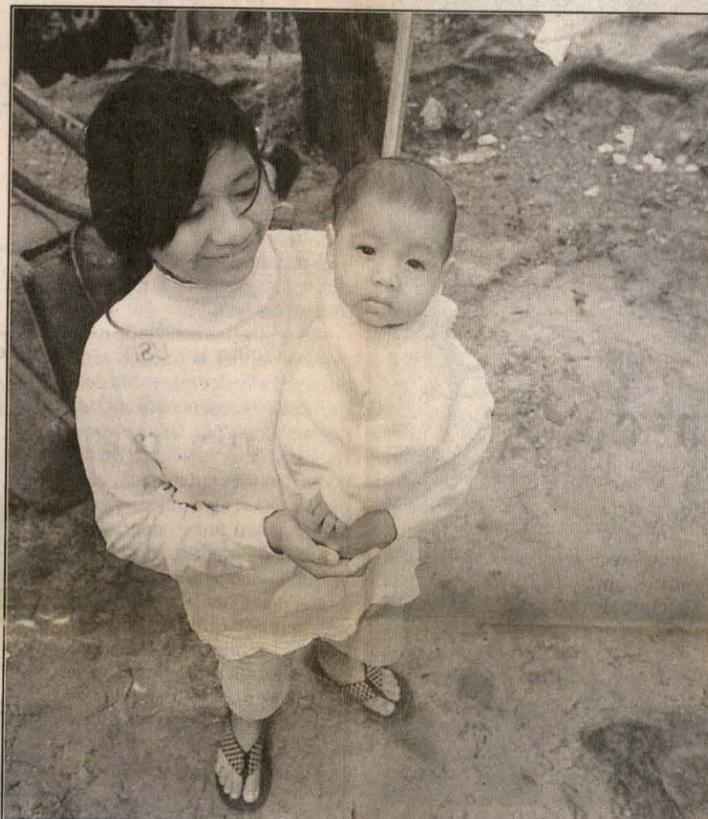
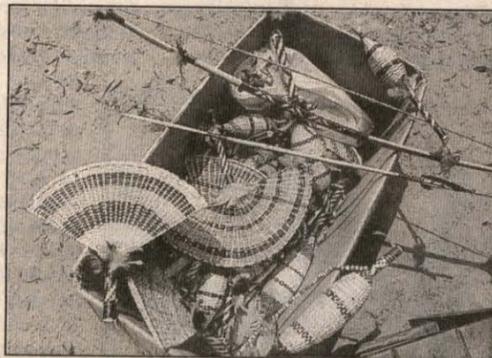
A história da aldeia é a seguinte: há cerca de 30 anos, uma família guarani vinda do Sul se instalou naquele cantinho de terra virgem perto do Pico do Jaraguá. Logo chegou o progresso. Construíram uma estrada asfaltada na divisa da reserva. O rio que vem da montanha ficou poluído. A mata virou parque estadual e ninguém mais pode caçar. Esqueceram os costumes, perderam o hábito de falar guarani. A maioria dos adolescentes vive como brancos.

Durante o dia, quase não se vê jovens pela tribo. Eles só voltam à noite, depois do trabalho. A garota Ceci, de 14 anos, é uma das poucas exceções. Só por causa de Fábio, 7 meses, que carrega pra lá e pra cá como se fosse uma boneca. O pai é um namorado de infância. "Antigamente o homem tinha que caçar um animal feroz para mostrar sua bravura à mulher", diz Ceci com uma ponta de romantismo indígena. Hoje não tem mais nada disso. A união não teve cerimônia, não teve ritual nenhum. Ela engravidou e eles ficaram juntos.

Outro que quase não sai da tribo é Joab, 14 anos. Ele acaba de ser despedido de um trabalho como office-boy que lhe rendeu um boné de time de basquete e um rabo de cavalo. Joab passa os dias assistindo televisão. Não quer fa-



Fotos: Roberto Setton/AE



lar. Fecha as janelas e tranca a porta. Isaque tenta convencê-lo. Ele acaba topando.

Se sente-se um índio? "Mais ou menos". Mostra a casa de alvenaria, que em nada lembra uma oca indígena para provar. "Isso não tem nada a ver com índio", diz. Parou de trabalhar porque não tinha emprego e parou de estudar porque não gostava. Sonhos? Ele diz não ter. Joab quer trabalhar com "qualquer coisa". Pedimos para tirar uma foto. "De jeito nenhum". Índio costuma dizer que foto rouba a alma. Não é por isso. O garoto tem vergonha mesmo. (Marcelo Delduque)

Acima, a garota Ceci, de 14 anos, com o filho de sete meses; no alto, Isaque: artesanato ao som de rock pesado; à esq., peças como lanças e colares são fabricadas pelos guaranis que permaneceram mais fiéis às tradições